

Palestina pelo tudo ou nada

Geografia

Enviado por: Visitante

Postado em:17/09/2011

A Organização para a Libertação da Palestina (OLP) se dirigirá na próxima semana ao Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) e buscará a condição de membro pleno no fórum mundial, apesar da ameaça do veto norte-americano.

A Organização para a Libertação da Palestina (OLP) se dirigirá na próxima semana ao Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) e buscará a condição de membro pleno no fórum mundial, apesar da ameaça do veto norte-americano. Quem fez o anúncio foi Mohammad Shtayyeh, integrante do comitê central do moderado partido Fatah, em entrevista coletiva realizada ontem em Ramalá. O Fatah é a maior facção palestina dentro da OLP. As palavras de Shtayyeh parecem pôr fim a meses de especulações sobre a estratégia diplomática da OLP. “Iremos à ONU, iremos ao Conselho de Segurança”, afirmou. “Vamos buscar o status de membro pleno com base nas fronteiras de 1967”, ressaltou. O presidente da Autoridade Nacional Palestina (ANP), Mahmoud Abbas, fará um discurso no dia 16, em Ramalá, quando apresentará esta aposta. O pleno reconhecimento permitiria à Palestina votar na ONU, bem como integrar o Tribunal Penal Internacional e outros organismos mundiais. A OLP não terá muito trabalho para conseguir a maioria necessária de dois terços da Assembleia Geral. Mais de 120 nações já prometeram apoiá-la, segundo Saeb Erekat, principal negociador palestino. Mas, a Casa Branca e vários funcionários do governo dos Estados Unidos já se comprometeram a vetar a proposta palestina, que não irá em frente sem a aprovação do Conselho de Segurança. Nesse caso, a OLP ainda pode buscar o “status de observadora não membro”, o que lhe daria uma posição diplomática semelhante à do Vaticano. Entretanto, não está claro o que mudará – se é que algo muda – caso obtenha essa denominação. De todo modo, alguns funcionários palestinos pediram urgência à OLP para evitar o veto de Washington e apresentar-se diretamente à Assembleia Geral. Mesmo com a ONU aprovando a proposta, isto não mudará imediatamente a vida diária dos palestinos, reconheceu Shtayyeh. “As coisas no terreno não serão diferentes. A diferença terá lugar no plano político. Os palestinos se integram às instituições da ONU, e os territórios palestinos já não serão considerados terras em disputa, mas terras ocupadas”, ressaltou Shtayyeh. Segundo ele, a OLP está indecisa sobre como responder a um veto de Washington. Poderia solicitar à Assembleia Geral um status superior ao atual ou voltar ao Conselho de Segurança, forçando outro veto. O anúncio também destaca que a OLP pretende seguir adiante com sua aposta, apesar de uma campanha diplomática de último minuto com que Estados Unidos e outras nações buscam desbaratá-la. Abbas apresentará os documentos oficiais na próxima semana, ao chegar a Nova York, disse Shtayyeh. Os mesmos versarão sobre os refugiados, as fronteiras, o status dos assentamentos israelenses ilegais na Cisjordânia e outras questões, acrescentou. Salah Bardawil, alto funcionário do Hamas (Movimento de Resistência Islâmica) em Gaza, criticou a aposta, argumentando que Abbas não consultou o Hamas a respeito. “Trata-se de uma ação unilateral por parte de Abbas, igual aos acordos de Oslo” de 1993, afirmou. “Podem ir ao Conselho de Segurança ou à Assembleia Geral, para nós não há nenhuma diferença”, ressaltou. As autoridades israelenses não fizeram diretamente declarações sobre o anúncio da OLP, porém, Mark Regev, porta-voz do primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, reiterou a oposição do governo. “Pode-se conseguir que a ONU aprove um documento,

mas não se pode conseguir um Estado independente”, disse à rede de TV Al Jazeera. Ontem, o Departamento de Estado norte-americano divulgou um breve comunicado dizendo que a proposta é “inútil para o necessário processo de as duas partes voltarem à mesa de negociações”, argumento muito usado no passado. Os dois enviados de Washington, David Hale e Dennis Ross, voltarão esta semana à região em um esforço de último momento para convencer a OLP a abandonar seu projeto. A embaixada dos Estados Unidos em Israel não fez comentários sobre sua chegada. Hale e Ross visitaram Jerusalém e Ramalá na semana passada, em uma missão semelhante. Os funcionários palestinos esperam que a maioria das 27 nações da União Europeia apoie sua proposta. No entanto, Catherine Ashton, alta representante da UE para Assuntos Externos e Política de Segurança, que no dia 12 participou de uma reunião da Liga Árabe no Cairo, disse que a posição oficial do bloco é apoiar as renovadas negociações, em lugar de votação nas Nações Unidas. A ANP planeja uma série de marchas e manifestações na Cisjordânia e no mundo, simultaneamente à votação. Espera-se que Abbas fale na Assembleia Geral no dia 23. Muitos palestinos, particularmente em Gaza e na diáspora, criticaram severamente a proposta, por considerarem que é uma iniciativa puramente liderada pelo Fatah. Eruditos em questões legais disseram que um voto positivo também colocaria em dúvida a legitimidade da própria ANP. Abbas descreveu a intenção como “último recurso” ao qual se chega devido ao fracasso das negociações entre Israel e a OLP. As conversações estão paralisadas há quase um ano, devido à negação de Israel em deter a construção de assentamentos ilegais na ocupada Cisjordânia. Funcionários da ANP afirmam que essa interrupção não lhes deixa outra opção que não seja ir à ONU. Abbas ofereceu suspender a aposta e reiniciar as negociações se Israel cessar a construção de assentamentos e concordar em basear-se nas fronteiras de 1967. O primeiro-ministro Netanyahu insiste que somente reiniciará as negociações sem essas condições. Esta notícia foi publicada em 14/09/2011 do sítio Envolverde. Todas as informações nela contida são de responsabilidade do autor.